

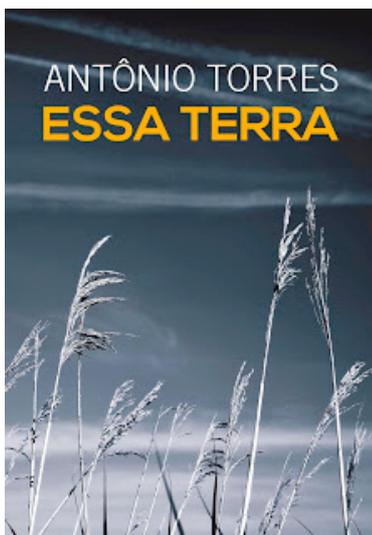
Antônio Torres: «A negação dos factos fez-me descobrir o que era romancear»

POR SANDRA GONÇALVES



«Vamos ver o mar», disse, amparando-se no meu braço enquanto subíamos a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, na Póvoa de Varzim. Foi assim que conheci casualmente Antônio Torres. Aos 76 anos, o escritor baiano recorda-se dos idos anos de 1967, quando ali esteve pela primeira vez. Acabara de ler no jornal que na véspera, a 17 de Julho, tinha morrido John Coltrane, um dos seus grandes ídolos. Hoje, do cimo da fortaleza já não se vê a lota, tampouco as peixeiras a venderem junto à estrada; muito mudou desde então. Mas não há nostalgia nos olhos de Antônio Torres: «As coisas são como são!»

Antônio Torres acorda cedo. A entrevista ao Diário Digital começou ainda não eram 08:00 horas. Não sei se terá sido sempre assim neste hábito, mas na 17ª edição das Correntes d'Escritas foi o que aconteceu. O escritor acaba de apresentar em Portugal «Essa terra», com a chancela Teodolito, romance que o consagrou como um dos mais lidos e queridos escritores brasileiros contemporâneos.



«Essa terra» narra a experiência de uma família do sertão baiano, o drama da migração nordestina para São Paulo e as suas consequências psicológicas e sociais. Sob a óptica do narrador Totonhim, o irmão mais novo, o leitor fica a conhecer a trajetória do protagonista. É um drama pungente, com uma ficção precisa e uma grande força estética. Uma espécie de depoimento sobre um aspecto dramático da sociedade brasileira de meados do século XX; um memorial consubstanciado no contraste gritante entre os grandes centros desenvolvidos e o sertão esquecido à própria sorte, em que a redenção do homem se reduzia ao horizonte das tristes estradas.

O romance apresenta-se dividido em quatro partes:

«Essa terra me chama», «Essa terra me enxota», «Essa terra me enlouquece» e «Essa terra me ama». É narrado na primeira pessoa por Totonhim, um dos 12 irmãos de uma família pobre que mora no interior da Bahia. A obra tem como cenário o sertão brasileiro e a sua realidade: a fome, a miséria, a seca e o misticismo. De início, fica-se a saber que a família habitava uma região chamada Junco, onde trabalhavam e moravam na roça; em seguida a mulher e os filhos e, posteriormente, o pai, mudam-se para a Feira de Santana, onde vivem numa pobreza ainda maior e, finalmente, em Alagoinhas, no final da narrativa. Uma história que se apresenta como um relato fragmentário e memorialístico da trágica história desta família.

Para Antônio Torres, os livros servem para as pessoas quererem lê-los. Para ele, servem para descobrir o mundo. Sempre gostou de ler e a vontade de escrever começou cedo. Recorda-se de ser criança e subir a um palanque para ler um poema. «Foi a primeira vez que o fiz, estava no primeiro ano de escola.» Era um excerto de «O Navio Negreiro, Tragédia no Mar (VI), de Castro Alves» e dizia assim: «Pendão de minha terra / que a brisa do Brasil beija e balança / estandarte que a luz do sol encerra / e as promessas divinas da esperança...».

«Estava tão nervoso, mas nunca me esqueci daquele momento. Já no liceu, um professor aconselhou-me antes a prosa, mas sinto nas mãos a voz dos poetas, como se fosse um instrumento, tal como o saxofone de John Coltrane. Escrevo ao teclado como quem toca. Digito como se estivesse a compor o “Blue Monk”, do Thelonius Monk, com as palavras a saírem ao ritmo do saxofone, do trompete, o piano. É assim que começo a dominar os substantivos na minha narrativa; só depois vêm os advérbios.»

Aliás, contou, o título de «Um cão uivando para a lua», o seu primeiro romance, foi inspirado no trompete de Miles Davis em «My Funny Valentine». «Curiosamente, é um tema que me acompanha sempre que leio Fiódor Dostoiévski, William Faulkner ou Machado de Assis», enfatizou.

Em «Essa terra» há uma constante repetição de números, quase cabalístico, enigmático, como se houvesse uma fórmula no final. O escritor ri-se. Tem vindo a constatar que cada pessoa observa coisas diferentes neste livro, e isso deixa-o deslumbrado. «Há tantas interpretações possíveis, há quem vá buscar o sentido dos nomes, num sentido quase bíblico, há quem veja Cuba no sertão... houve, inclusive, uma professora universitária que leu por inteiro o Antigo e o Novo Testamento para tentar entender o livro», afirmou.

E como é que surgiu «Essa terra»? Na altura, Antônio Torres soube da história de um homem que percorreu dois mil quilómetros, de comboio e de camião; «uma viagem que levou muito tempo, foi tudo muito lento. E um dia, suicidou-se». O autor guardou a imagem daquele homem enforcado, visitou a terra onde ele morreu e sentiu necessidade de recriar a sua história, sentir o cheiro da terra, ouvir o que ele terá ouvido, absorver a sua ambiência. «Estava já no sétimo capítulo, e decidi refazer tudo, à excepção do primeiro, porque percebi que passados tantos anos estava a fantasiar a realidade daquele povoado, que, entretanto, modernizara-se. Decidi então regressar àquela terra e aí apercebi-me que a população se fechou em enigmas. Foi nesse momento que senti que ali estava o Antônio, o jornalista, a tentar encontrar os factos, e a negação dos factos obrigou-me a assumir-me como romancista, porque foi isso que me levou a descobrir o que é romancear.»

A obra que acaba de chegar a Portugal faz parte de uma trilogia, por esta ordem: «Essa terra», «O cachorro e o lobo» e «Pelo fundo da agulha». «O cachorro», o próximo a ser editado por cá, também pela Teodolito, passa-se 20 anos depois de «Essa Terra». Antônio Torres contextualiza que nele volta a falar sobre o interior da Bahia. Nas três etapas de um dia que segue o trajecto do sol - manhã, tarde, noite -, o narrador e também personagem principal, Totonhim, tenta recuperar a posse de um lugar onde estão as suas raízes. Volta imaginariamente para a mãe, está num estado entre o sonho e a vigília. Totonhim está na cama no primeiro dia da sua reforma, numa cidade onde tudo borbulha, mas para ele é insuportável não ter nada para fazer, e aí entra o conflito e o desespero.

Adiante na conversa, tentámos perceber em que medida o jornalismo e a publicidade tiveram influência na sua escrita. O escritor vê-o como um todo. «Tudo influencia. O ser humano soma tudo. Para ser romancista, é preciso ter bagagem de leitura e o resto é a conquista da linguagem e do estilo. Temos de encontrar um equilíbrio entre a técnica e o estilo. Mas sim, o jornalismo, sobretudo, foi uma grande escola. E também a publicidade; com ela aprendi a contar a realidade com rapidez e a trabalhar cada palavra como um conceito. Devo a essas experiências o meu amestramento», salientou.

«Essa terra» já vai na 30ª edição. Em 2016 completam-se 40 anos desde a sua primeira edição. Foi um livro que o deixou extenuado, foi necessário um grande poder de síntese. «Foi como se tivesse escrito mais de 500 páginas (são 136 na versão portuguesa)», completou.

BIOGRAFIA DE ANTÔNIO TORRES

Nasceu em 13 de Setembro de 1940 em Junco, no interior da Bahia. Estudou em Alagoinhas e Salvador, onde ingressou no Jornal da Bahia. Aos 20 anos mudou-se para São Paulo, onde foi repórter e chefe de reportagem do caderno de desporto do jornal Última Hora. Trocou o jornalismo pela publicidade, trabalhando como redator publicitário em grandes agências brasileiras. Estreou-se na literatura em 1972, com o romance «Um cão uivando para a lua». Em 1979, publicou «Essa Terra», o seu maior sucesso, que já foi traduzido para francês, espanhol, italiano, alemão, hebraico e holandês. Também é autor de «Balada da infância perdida», «Os homens de pés redondos», «Carta ao Bispo», «Adeus Velho», «O centro das nossas desatenções», «O cachorro e o lobo», «O circo no Brasil», «Meninos, eu conto» e «Meu querido canibal». Em 1998, foi condecorado pelo governo francês com o Chevalier des Arts et des Lettres. Em 1987, recebeu o prémio Romance do Ano pelo Pen Clube do Brasil por «Balada da infância perdida», e em 1997 o prémio hors concours de Romance da União Brasileira de Escritores por «O cachorro e o lobo». Em 2000, recebeu o prémio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da sua obra. «Meu querido canibal» rendeu-lhe o Prémio Zaffari & Bourbon da Jornada Literária de Passo Fundo, em 2001.

